

Helenismo na patrística: epicurismo e estoicismo na visão de Orígenes de Alexandria sobre Deus

JEAN CARLOS ZUKOWSKI¹
LUCAS GRACIOTO ALEXANDRE²

Resumo: As filosofias helênicas tiveram larga influência no mundo greco-romano. Teólogos da era patrística são um exemplo desse alcance helenístico até mesmo na teologia da igreja cristã primitiva. Orígenes, teólogo cristão do terceiro século, em seus escritos, apresenta conceitos ontológicos helenistas, que podem ser vistos na teologia oriental depois dele. O objetivo deste estudo é analisar a influência do epicurismo e o estoicismo, duas escolas filosóficas do helenismo, na visão de Deus de Orígenes e sua implicação na contemporaneidade. Para o desenvolvimento do presente trabalho foi utilizado o método de análise bibliográfica. Dentre os autores pesquisados destaca-se Geovanne Reale e Justo González. A pesquisa conclui que Orígenes foi influenciado pelo neoplatonismo, a filosofia corrente em Alexandria na sua época, sistematizada com bases estoicas. O neoplatonismo posteriormente influenciou Agostinho, e a teologia cristã latina medieval e atual.

Palavras-chave: helenismo; epicurismo; estoicismo; Deus; Orígenes.

Hellenism in patristic: epicureanism and stoicism in Origen of Alexandria's views about God

Abstract: The Hellenic philosophies had a large influence on the Greco-Roman World. Theologians of the Patristic Era are an example of this hellenistic reach, even in the Theology of the Early Christian Church. Origen, a christian theologian from the third century, in his writings presents hellenistic ontological concepts that can be found in the Eastern Theology after him. The aim of this article is to analyse the influence of Epicureanism and Stoicism, two hellenistic philosophical schools, on the Origen views about God and its implications for nowadays. In order to develop this study

.....
¹ Doutor em Religião com ênfase em História do Cristianismo pela Andrews University. Professor na Faculdade Adventista de Teologia (FAT), no Centro Univeristário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: jean.zukowski@unasp.edu.br

² Bacharelado em Teologia pela Faculdade Adventista de Teologia (FAT) no Centro Univeristário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: lucasgracioto@outlook.com

a bibliography analysis was applied. Among the selected authors we lay especially on Geovanne Reale and Justo González. This article concludes that Origen was influenced by neoplatonism, the mainstream philosophy of Alexandria in his time, which was systematized on Stoic basis. Neoplatonism later influenced Augustine, the medieval latin Christian theology and the present.

Keywords: hellenism; epicureanism; stoicism; God; Origen.

O período helênico é caracterizado pelas conquistas macedônias realizadas por Felipe II e Alexandre Magno. A época helenística, como ficou conhecida posteriormente, é marcada pela junção de culturas dos povos que foram dominados pelos macedônios e pela expansão e difusão da cultura grega. O ideal de civilização proposto pelos filósofos se enfraqueceu com o sincretismo da cultura grega e bárbara, pois os bárbaros aprenderam algo sobre a cultura grega enquanto os gregos absorveram muito da superstição bárbara. A historiografia trata que o objetivo central da helenização era a constituição de uma monarquia universal que colocaria fim à oposição entre gregos e bárbaros. Segundo Marcondes (2010), o império que estava sendo desenvolvido por Alexandre tinha o objetivo de união e absorção da cultura de todos os povos conquistados Ou seja: uma hegemonia militar, cultural e linguística.

O termo “hellenismo” é derivado da obra historiográfica de J. G. Droysen, e designa a influência cultural grega em toda a região do Mediterrâneo oriental até o Oriente próximo desde as conquistas de Alexandre Magno e o estabelecimento de seu império por seus sucessores, sobretudo Ptolomeu no Egito e Seleuco na Síria e Mesopotâmia (MARCONDES, 2010).

Alexandre fundava as cidades com uma espécie de governo absolutista, pois tentava reproduzir as instituições da Grécia. As breves conquistas de Alexandre transformaram abruptamente o mundo grego (RUSSEL, 2015). Esse processo também afetou a filosofia que antes servia para demonstrar a relação do homem com a cidade, agora, por sua vez, era utilizada para atender às necessidades espirituais do homem desse período.

O individualismo e cosmopolitismo implantado por Alexandre, que se encontram em contraste com o pensamento grego concentrado na promoção da *polis* que da espiritualidade do homem, contribuiu para que as pessoas escutassem mais atenciosamente às doutrinas que proporcionavam um meio de salvação ou o que isso pudesse significar (GONZÁLEZ, 2004).

É o momento em que a liberdade do homem livre, que até então se confundia com o exercício dos direitos cívicos, se transmuta, por falta de melhor, em liberdade interior; em que os ideais gregos de autarquia e de autonomia, que procuravam até então se satisfazer na cidade, se encontram confiados unicamente aos recursos espirituais do homem individual; em que a especulação sobre a natureza tende a não ser mais que a auxiliar de uma moral preocupada antes de tudo em proporcionar a cada um sua salvação interior (AUBENQUE; BERNHARDT; CHÂTELET, 1981, p. 168).

Segundo Reale (2003), a principal marca política de Alexandre foi a queda de Cidade-Estado (Pólis). Como consequência, o homem descobre o “indivíduo” e as principais filosofias da época se concentram então nos problemas morais, e propõem modelos de vida que se tornaram paradigmas morais e espirituais. Nesse contexto social surgem a escola epicurista e estoicista. Apesar dessas correntes filosóficas possuírem menos relevância que as filosofias de Platão e Aris-

tóteles, elas foram importantes na perspectiva filosófica que prepararam o mundo romano para o triunfo do cristianismo (RUSSEL, 2015).

A denominada “cultura helenística” que se desenvolveu no encalço das conquistas de Alexandre Magno abrangeu não apenas pensadores gregos e cristãos, mas também esteve presente em Roma, proporcionando unidade e coesão ao império; mesmo um século e meio antes do nascimento de Cristo, Roma tornou-se tributária intelectual e cultural da tradição grega. As escolas filosófica helenísticas, que influenciaram o mundo romano, têm origem no quarto século antes de Cristo no movimento de inquirição e especulação iniciado por Sócrates em Atenas. Este movimento tem como principal personagem Platão, e subsequentemente surgiram as escolas epicurista e estoica. As filosofias helênicas ofereceram uma moldura que dava sentido aos mitos e rituais religiosos do império (WALKER, 2015).

Já no segundo século depois de Cristo, algumas correntes filosóficas helenísticas se fundiram com o pensamento cristão. Tal fusão é denominada de “helenização cristã”. Dentre os principais objetivos desta fusão estava a fixação do cristianismo para pessoas de conhecimento filosófico, principalmente epicuristas, estoicos e neoplatônicos. A filosofia platônica foi a que mais esteve presente no meio cristão.

Das obras de Platão, os novos intelectuais cristãos recolheram vários conceitos, em especial o de *demurgo*, o de *imortalidade* ou de *preexistência* da alma, e o de *contemplação*. A maior preocupação deles, porém, não era compreender o que de fato Platão ensinava ou entendia com esses conceitos. Eles também não se interessavam em determinar o contexto de sua exposição. Eles simplesmente se serviam de seus conceitos, tornando-os ora como contraposto de discussão, ora como ajuda à própria formulação teológica. Por isso, a Filosofia, propriamente dita, era válida tão-somente como auxílio ou como fonte de elucidação e fixação da doutrina cristã. Mas essa recorrência à Filosofia tinha também uma outra função estratégica: a de convencer (estoicos, epicuristas e neoplatônicos) de que o Cristianismo também era dotado de capacidade filosófica. Quer dizer, visto que a maioria dos homens cultos, com capacidade de leitura, pertencia a algum desses movimentos, era, pois, para eles que as obras dos cristãos convertidos se endereçavam (SPINELLI, 2002, p. 23).

O platonismo teve Platão (347 a.C.) como seu principal líder. Após sua morte, seu pupilo Aristóteles rompeu com a Academia e se tornou o fundador da escola peripatética. Porém, a filosofia de Aristóteles foi sentida fortemente apenas no primeiro século da era cristã. Em 86 a.C., ao conquistar Atenas, Sila devastou a Academia de Platão. Além disso, a mensagem platônica culminou-se com o Ecletismo de Antíoco e acolheu dogmas da Estoá, ensinando que o sábio encontra na probabilidade, e não na certeza, o “guia para a vida”. Esse conceito estoico influenciou muito o filósofo romano Cícero e, posteriormente, por meio dele, Agostinho de Hipona (WALKER, 2015). Para designar esse segundo período do Platonismo, os estudiosos usam o termo “médio-platonismo”. O platonismo se ergueu novamente em Alexandria com Eudoro na segunda metade do primeiro século da era cristã, aumentando progressivamente sua consciência e incidência até culminar no neoplatonismo de Plotino (c. 205-270) (REALE, 2003).

O uso filosófico presente no cristianismo teve os apologistas como seus principais representantes. Segundo Spinelli (2002), a reivindicação jurídica dos apologistas frente ao Estado tinha além de vários outros objetivos definidos como dogmatizar princípios e demonstrar sua



capacidade filosófica, apresentar um discurso racional frente às autoridades do império. Essa atuação apologética cristã deu o primeiro passo da entronização e participação do Cristianismo na ascensão imperial. Dentre os principais apologistas, destacam-se Justino, Clemente de Alexandria e Orígenes.

Justino Mártir (c. 100-165) foi o principal apologista do segundo século da era cristã. Nascido na cidade de Siquém e filho de pais pagãos, logo se tornou um filósofo em busca da verdade. Passou pela filosofia estóica, platonismo, Aristóteles, além de se interessar pela filosofia numérica de Pitágoras. Dentre as obras apologéticas de Justino, destaca-se o *Diálogo com Trifo*, onde ele procura convencer os judeus da messianidade de Jesus, alegoriza a Bíblia e dá ênfase na profecia (CAIRNS, 1998). Walker (2015) afirma que o centro apologético de Justino está na doutrina do Logos divino, onde ele utiliza conceitos encontrados na tradição cristã e judeo-helenística; em seu pano de fundo, encontra-se o primitivo uso do *logos* estoico para indicar a divindade imanente do cosmo. Essas ideias foram assimiladas por Justino através da cosmovisão do Platonismo-Médio, e, conseqüentemente, o Logos é percebido como uma figura mediadora que fora gerada antes de todas as coisas. Essa linha epistemológica foi partilhada por todos os apologistas e causaria controvérsias na doutrina cristã posterior (WALKER, 2015).

Clemente de Alexandria (c. 155-225) nasceu em Atenas e também era filho de pais pagãos; estudou filosofia com muitos mestres antes de começar a estudar com Panteno. “Clemente tinha o ideal de um filósofo cristão como o seu objetivo. A filosofia grega seria aproximada do cristianismo a fim de que se compreendesse que o cristianismo era a filosofia superior e definitiva” (CAIRNS, p. 90). Clemente abrange conceitos do médio platonismo e neoplatonismo em sua sistematização teológica que buscava compreender e expor o relacionamento entre as pessoas da divindade (KELLY, 2015). A linha de pensamento teológico de Clemente não será discutida neste artigo.

Orígenes de Alexandria (c.185–254 a.C.), teólogo da era patrística, foi influenciado pela filosofia corrente em Alexandria em sua época, a qual possui sistematização de doutrinas helenicas. Além disso, suas obras literárias influenciaram a teologia cristã, como a doutrina da trindade e a cristologia.

Considerando a natureza filosófica dos escritos de Orígenes, é possível indagar quais escolas de pensamento mais influenciaram sua teologia. O presente trabalho tem como objetivo analisar se o Epicurismo e o Estoicismo, duas escolas filosóficas do helenismo, influenciaram a teologia de Orígenes e quais suas implicações na contemporaneidade. Quanto ao método, a pesquisa usa uma abordagem qualitativa, é de natureza pura e explicativa; quanto aos procedimentos, bibliográfica. Sendo difícil avaliar todas as áreas do pensamento teológico de Orígenes em um artigo, o objetivo específico será singularizar a visão de Deus de Orígenes em comparação com os pressupostos epicuristas e estoicos.

Epicurismo

A primeira das grandes escolas do período helênico é conhecida como epicurismo e tem como fundador Epicuro (341-270 a.C.). Essa escola, que também era conhecida como o “Jardim”, se desenvolveu em Atenas por volta do fim do século 4 a.C.

O epicurismo é caracterizado pela busca do “prazer”, que é a ausência de dor no corpo e perturbação na alma. Há três classificações dos prazeres segundo Epicuro: “1) Prazeres naturais e necessários; 2) prazeres naturais, mas não necessários; 3) prazeres não naturais e não necessários” (REALE, 2003, p. 270). O primeiro grupo é caracterizado pelos “prazeres” que são essenciais para a manutenção da vida, tais como comer, beber, dormir etc. Esses devem estar presentes constantemente e diariamente na vida do sábio. A segunda classificação, assim como a primeira, é marcada por “prazeres essenciais para a manutenção da vida”, porém não são primordiais no enquadramento de vida epicurista, como são classificados como comer bem, beber bem. Podem fazer parte da vida, porém não constantemente. Já o último grupo deve ser completamente banido da vida do sábio, essa caracterização epicurista dos prazeres é identificada como uma vida de orgias e divertimentos.

Essa aplicação é mantida na própria vida de Epicuro, que tinha por objetivo garantir a tranquilidade ao invés da busca de prazeres mais violentos. “O epicurismo que é considerado como propulsor de devassidão e sensualidade, representa ao contrário um padrão de vida ordinário e espiritual, praticamente um ateísmo” (CASTAGNOLA, 1956).

A física epicurista se dá pela composição de átomos, até mesmo a alma e os deuses são compostos por átomos, porém estes são especiais, diferente daqueles que compõem o mundo visível. Essa física tem o objetivo de afastar os temores dos homens, afastando todos os tipos de medo, principalmente dos deuses, pois o medo destes é o principal quesito de não alcançar a felicidade (SELLARS, 2006).

Além disso, a lógica epicurista se dá pela “sensação” nomeada pelos epicuristas como o “cânnon”, que é infalível. Aubenque (1981) afirma que, para Epicuro, a sensação é o fundamento do conhecimento, mas ele não reduz todo conhecimento à sensação, não se poderia reconhecer um objeto, caso não tivesse uma certa antecipação de sua forma, o que ele chama de *prolepses*, que é a percepção primeira de um objeto. Os deuses também são percebidos pela sensação através do visível.

Sem reconhecer em quem quer que seja a existência de realidades não-sensíveis, Epicuro admite também que certos corpos emitem eflúvios tão tênues que são para nós invisíveis: tais são os deuses. Não se poderá, portanto, inferi-los senão a partir do visível: o raciocínio, que se eleva do visível ao invisível, se vê assim reconhecer um certo papel, com a condição de admitir que sua única origem reside na sensação (AUBENQUE; BERNHARDT; CHÂTELET, 1981, p.183).

Para fundamentar uma ontologia materialista, Epicuro se apodera da metafísica dos atomistas, afirmando que não existe geração do nada nem aniquilamento, mas que a formação dos átomos esgota a totalidade do ser. O mundo deriva do encontro dos átomos e é infinito tanto no espaço, quanto no tempo. “Embora em cada instante existam mundos que nascem e mundos que morrem, Epicuro bem pode afirmar que ‘o todo não muda’” (REALE, 2003, p. 266). Apesar desse movimento constante do Cosmo, Epicuro o entrega ao acaso, ou seja, não há nenhuma inteligência, nem finalidade que dirige esse processo. O epicurismo não possui dúvidas da existência dos deuses. Na realidade, os deuses vivem nos espaços entre mundo e mundo, são numerosos e falam uma língua semelhante ao grego e desfrutam de sua própria companhia e sabedoria (REALE, 2003).

Discursando sobre as divindades epicuristas, Keefe (2010) afirma que, para o epicurismo, o movimento do cosmo é dado pelo enredamento dos átomos e não pela atuação divina. Além dis-

so, a imperfeição e falhas claramente percebidas mostram que o mundo não está sobre o controle de divindades filantrópicas.

O epicurismo, segundo Castagnola (1956), traz uma visão dos deuses considerado por alguns ateístas. Epicuro não nega a existência dos deuses, porém acredita que estão distantes demais e despreocupados com a vida na Terra e com os seres humanos. “São, antes, hedonistas racionais que seguem seus preceitos e se abstêm da vida pública; governar seria trabalho desnecessário, para o qual, em sua vida de bem-aventurança completa, eles não se sentem inclinados” (RUSSEL, 2015, p. 306).

Em resumo, Epicuro transcende os deuses e os apresenta apenas como um modelo “máximo”, um ideal para os seres humanos, além de serem construções de pensamento, percebidos apenas na mente dos homens, porém não participam da constituição metafísica do cosmo.

Estoicismo

Diferentemente do epicurismo, o estoicismo se constituiu progressivamente. Russel (2015) afirma que essa filosofia é menos grega do que qualquer filosofia antecedente, pois os primeiros filósofos estoicos eram, em sua maioria, sírios enquanto os últimos eram romanos. De maneira geral, a filosofia estoica tem por objetivo conduzir o homem à felicidade. “No dizer dos estoicos, a tarefa essencial da filosofia é a solução do problema da vida; em outras palavras, a filosofia é cultivada exclusivamente em vista da moral, para firmar a virtude, e logo, para assegurar ao homem a felicidade” (CASTAGNOLA; PANDOVANI, 1956). Esta escola pode ser identificada em três diferentes períodos: A Antiga Estoá, a Média Estoá e a Nova Estoá.

O primeiro período tem por representantes Zenão de Cítio (332-362 a.C.), o qual fundou a escola em Atenas por volta do ano 300 a.C.; Cleanto de Assos (312-232 a.C.); e Crisipo (277-204 a.C.). O médio estoicismo é representado por Panécio (180-110 a.C.) e Possidônio (135-51 a.C.), “que tiveram o grande mérito histórico de introduzir o estoicismo em Roma” (AUBENQUE; BERNHARDT; CHATÊLET, 1973). O terceiro e último período, já desenvolvido no império romano e presente na era cristã, teve como seus principais representantes Sêneca, Epicteto e o imperador Marco Aurélio. A “antiga Estoá” se deu pela definição da doutrina, enquanto a segunda ou “média Estoá” foi marcada pela presença eclética. Ou seja: houve uma junção de doutrinas paralelas juntamente com a filosofia estoica. Um claro exemplo é o platonismo. Já o último período foi caracterizado pela ênfase na filosofia prática, que valorizava a indiferença e o autocontrole (MARCONDES, 2010).

Tanto para os epicuristas quanto para os estoicos a lógica é entendida por meio das “sensações” a partir de objetos externos. Para os estoicos, essas sensações são chamadas de “representação cataléptica” – as impressões exteriores proveem dos objetos, cabe a nós por meio do *logos* (razão) dar assentimento a essa impressão. Quando essa representação recebe nosso consentimento, então isso é representação cataléptica (REALE, 2003).

A ética estoica é refletida pela busca da razão e a abstinência das paixões, o verdadeiro sábio é aquele que se liberta das paixões, que são sinônimas de vícios e isso é “mal porque danifica”; sendo assim, torna-se impassível. Além disso, há uma classificação das ações: “ações retas” e “ações convenientes”; a diferença entre essas se dá pela intenção das ações e não por sua natureza

em si. As ações classificadas como corretas são aquelas que se encontram em sintonia com a razão (*logos*), o princípio ativo o qual rege o universo.

A felicidade é viver segundo a natureza; esse processo é chamado de *oikéiosis* (homem conciliar consigo mesmo e com as coisas que são de sua própria essência), isso torna o homem uma espécie de animal comunitário e define o princípio da ética. Esse princípio é sustentado pelo homem através da razão. Consequentemente, o viver segundo a natureza é viver conciliando-se com o próprio ser racional (REALE, 2003). O bem é aquilo que incrementa o ser, enquanto o mal o que danifica. Nesse contexto, o indivíduo deveria chegar à uma espécie de (*proto*) perfeccionismo, uma condição na qual fosse capaz de chegar de maneira excelente e por conta própria o seu autocontrole (TEIXEIRA, 2015, p. 69).

A antropologia estoica está construída em sua visão da divindade. Os seres são fragmentos do Logos divino, sua constituição (corpo e alma) provém da “Alma cósmica”, além de possuir uma natureza racional, que é a sua manifestação. Assim, todos os homens são emanção do *logos* e, portanto, não há distinção de classes e de pessoas.

O discurso sobre a física estoica abrange questões sobre o mundo físico, desde a ontologia fundacional até as ciências empíricas; a afirmação de que apenas corpos existem é a afirmação fundamental da física estoica (SELLARS, 2006). Tudo que existe se identifica com o “corpo” e todo corpo é formado pela ação de uma causa ativa do Logos, que dá forma à matéria.

A física estoica é considerada a primeira forma de panteísmo. Ela se baseia numa concepção da divindade altamente complexa. Deus é, ao mesmo tempo, monoteísta, um único ser, mas se manifesta de forma politeísta através de seus poderes. Ele está em tudo ao se expressar na natureza, mas, ao mesmo tempo, é tudo (MATOS, 2010). O *logos*, como semente de toda matéria, dá forma a todas as coisas, logo há uma relação orgânica entre todas as coisas, pois tudo deriva-se da *razão*. Os estoicos classificam então *logos* (*razão*) sendo a divindade, pois este atende as funções de Deus.

Deus age então como uma forma de providência geral que não pode errar. Nesse sentido, tudo segue para o finalismo universal. Consequentemente, o homem não possui um livre-arbítrio. Quando se opõe à vontade do *logos*, então se encontra dificuldades. Porém, quando se adéqua ao destino, não se encontra impedimentos. A verdadeira liberdade está em uniformizar-se com o *logos* (REALE, 2003).

O estoicismo apresenta uma visão de Deus onde existe uma relação orgânica entre os seres e o *logos*. Opostamente ao epicurismo, o curso do cosmo se dá pela atuação direta da “Alma cósmica”. O platonismo assumiria essa visão metafísica no período denominado posteriormente como médio-platonismo, culminado no neoplatonismo e influenciaria a maioria dos apologistas em sua formulação da doutrina do *logos* cristão.

O estoicismo influenciou grandes pensadores da era cristã, alguns dos mais importantes são Justino Mártir, Clemente de Alexandria, Orígenes de Alexandria, Atanásio, Tertuliano, Ambrósio e até mesmo Agostinho (TEIXEIRA, 2015).

Visão de Deus de Orígenes de Alexandria

Orígenes era filho de pais cristãos, seu pai Leônidas foi morto durante a perseguição do Sétimo Severo. Aos 18 anos de idade, o bispo Demétrio de Alexandria colocou sobre Orígenes a responsabilidade de cuidar e preparar pessoas para o batismo. Após servir por alguns anos aos



catecúmenos, viu a necessidade de se dedicar a ensinamentos mais avançados, pois muitas pessoas iam a seu encontro para pedir sua instrução. Orígenes deixou então tal responsabilidade na mão de alguns de seus discípulos e organizou uma escola do mesmo estilo das escolas filosóficas pagãs (GONZÁLEZ, 2011).

Eusébio de Cesaréia, o primeiro historiador da igreja, afirma que, desde muito pequeno, Orígenes já demonstrava intenso interesse pelas Escrituras. Leônidas fez com que a preocupação do filho acerca da Bíblia não fosse posta como secundária, e, antes de se ocupar com as disciplinas helênicas, Orígenes se dedicava primeiramente aos estudos sagrados, sendo-lhe exigidos a cada dia passagens memorizadas e relações escritas (Eusébio, *HE* 6.2). Orígenes se considerava um intérprete das Escrituras e foi um considerável teólogo do terceiro século e o de maior destaque na Escola de Alexandria, além de possuir alta habilidade especulativa e expandido conhecimento dos textos bíblicos e grande volume de produção literária. A Hexapla, sua principal obra escrita, foi uma versão do Antigo Testamento composta por seis colunas: uma em hebraico; outra em grego, que facilitava os leitores que não tinham conhecimento do hebraico a conhecerem seu som a partir do texto em grego; além de outras quatro versões do texto grego, Áquila, de Símaco, a Septuaginta, e a tradução de Teódoto (GONZÁLEZ, 2004). Segundo Trigg (2012), Orígenes é o teólogo que mais influenciou a teologia cristã depois de Agostinho, além de exercer larga contribuição no desenvolvimento da espiritualidade cristã. Sua influência é reconhecida até mesmo na atualidade através do desenvolvimento do método de interpretação alegórica das Escrituras, desenvolvido na Escola de Alexandria. Além disso, Orígenes teve um papel muito importante na ampliação da doutrina da trindade e da pessoa de Cristo.

Orígenes viveu em Alexandria, que nos primórdios do Cristianismo já se tornara o principal centro cultural da época, onde foram fundadas escolas de diferentes tendências que estavam a par da biblioteca ali presente. Para lá recorreram importantes intelectuais da época. O período alexandrino também é marcado pela convivência de vários movimentos filosóficos helênicos, tais como o Epicurismo, Estoicismo, também o movimento Cético, que sobreviveram 600 anos desde sua fundação até o então momento alexandrino; a longevidade e eficácia desses movimentos se deram por sua ênfase na sabedoria prática (SPINELLI, 2002). A Escola de Alexandria tem seu marco histórico neste período. Inicialmente, ela foi inspirada na escola catequética de Alexandria e seus principais representantes foram Panteno (segundo alguns, convertido do Estoicismo), que foi sucedido por Clemente e Orígenes, contemporâneo de Plotino (KELLY, 2015). Os representantes da escola alexandrina buscaram desenvolver um método teológico a partir da filosofia, que, segundo eles, tornaria possível a exposição de um sistema teológico cristão, que desenvolveram o método alegórico das escrituras que precedentemente fora utilizada pelo judeu Filo de Alexandria (30 a.C.–45 d.C.). “Educados na literatura e filosofia clássicas, pensaram que poderiam usá-las na formulação da teologia cristã” (CAIRNS, 1998, p. 90). Assim como seu mestre Clemente, Orígenes tentou sistematizar o conteúdo filosófico corrente em seu tempo com a teologia cristã, principalmente o médio platonismo e neoplatonismo (KELLY, 2015). Alguns eruditos o classificam como “filósofo neoplatônico patrístico” por sua contribuição no desenvolvimento da doutrina neoplatônica.

O neoplatonismo foi uma filosofia monista, fundada por Amônio Sacas (c. 175-242) e mais tarde desenvolvido por seu discípulo Plotino que incorporou elementos aristotélicos, estoicos e até mesmo orientais no desenvolvimento de sua doutrina, a qual trata a realidade como uma

imensa estrutura hierárquica, classificando os níveis como aquilo que está abaixo ou acima do ser, sendo o *Uno* ou Deus o princípio mais elevado, o qual transcende todos os seres (KELLY, 1994).

O *Uno* é um princípio a qual se derivam todos os seres, sem ele não haveria unidade e os demais múltiplos se achariam dispersos (MONDOLFO, 1966). A colocação metafísica neoplatônica exige a atuação de um demiurgo que se comunica com os seres que estão abaixo do Um. Ao beber desta fonte, Orígenes sistematizou sua doutrina de Deus, aproximando-se muito deste conceito filosófico.

Não se deve, portanto, pensar que Deus é um corpo ou que está num corpo, mas que é uma natureza simples, intelectual, que não admite nela nenhum tipo de adição; e do mesmo modo se deve acreditar que não contém em si mesmo nem mais nem menos, mas que é sob todos os aspectos uma mônada ou, por assim dizer, uma hénade, inteligência e fonte de onde têm origem todas as naturezas intelectuais, ou inteligências (ORÍGENES, 2012, 1.6).

A metafísica neoplatônica refletida na teologia de Orígenes também pode ser classificada como uma espécie de panteísmo. “Na sua forma neoplatônica de panteísmo, Plotino reconhecia que há uma multiplicidade no universo, mas insistiu que toda a multiplicidade se desdobra da simplicidade absoluta do Único (Deus)” (GEISLER; FEINBERG, 1996, p. 220).

O objetivo primário de Orígenes não era sistematizar uma doutrina de Deus. Ao invés disso, a teologia do terceiro século estava empenhada em especular o relacionamento entre as pessoas divinas. “Em sua visão, há subordinação entre os três seres da Divindade, sendo o maior deles o Pai (o único e verdadeiro Deus) e o menor deles o Espírito Santo” (ZUKOWSKI, 2017, p. 387).

Orígenes tentou exprimir a revelação bíblica do Deus trinitário dentro das mesmas categorias filosóficas neoplatônicas. Ao fazer isso, deslocou-se do nível econômico-histórico no qual a Escritura revela a Divindade para um nível imanente, atemporal, ilimitado, que correspondia à natureza de Deus em Si mesmo. Entendido assim, somente o Pai é a causa simples e não originada de tudo. Para explicar a “multiplicidade” divina das hipóstases, Orígenes inventou a ideia de geração eterna, segundo a qual o Filho é eternamente gerado pelo Pai. O Espírito Santo, embora participante de Trindade, pertence a uma posição ontológica inferior a do Filho (CANALE, 2011, p. 160, 161).

A marca de Orígenes nunca foi apagada da teologia oriental e teve vasta expansão não apenas em Alexandria, mas também em outras regiões, como Cesaréia. Após sua morte, surgiu um movimento chamado origenismo, organizado por seus discípulos. Eusébio de Cesaréia (c. 265-339) pertenceu a essa escola, apesar de não ter registrado muito a respeito (GONZÁLEZ, 2004).

A teologia de Orígenes enfrentou fortes oposições depois da segunda metade do século terceiro e início do quarto; “muito embora considerado como herege pela igreja, assume claramente os atributos de Deus como atemporal, imaterial e imutável, conceitos que nortearam a visão de Deus e do Espírito Santo na teologia católica e protestante” (ZUKOWSKI, 2017, p. 399). A implicação e desenvolvimento do neoplatonismo de Orígenes com a doutrina cristã teve reflexo posteriormente em Agostinho, que também sistematizou sua teologia com a filosofia neoplatônica. “De acordo com Agostinho, Deus é atemporal, simples, imutável, autossuficiente, impassível, onisciente e onipotente” (CANALE, 2011, p. 162). Ele coloca Deus com uma essência simples e

atemporal como fundamento decisivo para Sua unicidade ontológica e nascedouro da Trindade; além disso, utiliza-se dos conceitos de geração eterna e processão eterna para especular o relacionamento entre as pessoas divinas. O pensamento teológico agostiniano de Deus está presente no Credo Atanasiano (430-500) que é considerado a expressão definitiva de crença católica na Trindade (CANALE, 2011).

O *uno* neoplatônico culminado na teologia de Orígenes possui derivação e semelhança com o *logos* estoico. O processo de emanção estoico, a derivação da vida, a “Alma cósmica” que rege o universo, além da contemplação do ser absoluto são quesitos estoicos claramente refletidos na filosofia neoplatônica e na visão de Deus de Orígenes de Alexandria. A filosofia epicurista aparentemente não influenciou a visão de Deus de Orígenes, as poucas semelhanças como a transcendência divina, tanto no Epicurismo quanto no Neoplatonismo, não são suficientes para indicar a existência de ligações que mesclam o platonismo com o estoicismo.

Em síntese, a visão de Deus epicurista pode ser considerada um ateísmo prático defendendo um materialismo teórico, onde o movimento do cosmo se dá ao acaso e os deuses não possuem nenhuma relação com os seres humanos, são apenas um “modelo máximo” podendo ser percebidos por meio das sensações. O estoicismo, por sua vez, entrega o enredamento do cosmo pelo princípio ativo denominado “*logos*” ou “razão”, a este é atribuída a função divina que possui relação orgânica com os seres. O fator culminante do platonismo aparece no neoplatonismo (o qual elementos estoicos, tais como o conceito do *logos* foram agregados no médio platonismo), onde é refletida uma imensa estrutura hierárquica, sendo que tudo está abaixo do *uno*; apesar de não se comunicar diretamente com os homens, há a figura de um demiurgo que possibilita o contato dos seres com o “Um”. Orígenes adota a perspectiva metafísica neoplatônica em sua teologia cristã e cria a ideia da eterna geração do filho que possui reflexo na teologia agostiniana, que também especula o relacionamento entre as pessoas divinas utilizando tal conceito.

Considerações finais

O período helênico tem como marco as conquistas macedônicas de Felipe II e Alexandre Magno. Alexandre não impunha uma filosofia autoritária em relação às culturas dominadas e, conseqüentemente, a tradição grega fundiu elementos bárbaros em sua constituição cultural. As filosofias anteriores ao helenismo eram marcadas pelo relacionamento entre homem-polis; após a expansão imperial grega, o homem passa então a ter uma participação quase irrelevante na política. Conseqüentemente, as filosofias possuem uma perspectiva centralizada no indivíduo. A escola epicurista e estoica são as duas principais linhas epistemológicas desse período.

O epicurismo foi fundado por Epicuro em Atenas aproximadamente no século 5 a.C. e tem por principal objetivo a busca pelo prazer. A lógica é entendida por meio das sensações e, por meio destas, vem a percepção dos deuses. Apesar de Epicuro não negar a existência divina, sua metafísica é mantida pelo conceito atomista da realidade constituída pela formação dos átomos. Sendo assim, o curso do universo não depende da atuação da deidade e Epicuro o entrega ao acaso.

O estoicismo, também conhecido como Estoá, foi fundado por Zenão e passou por três períodos, o último deles se encontra presente na era cristã. Assim como no epicurismo, no estoicismo a lógica é sensacionalista e a ética se reflete na abstinência das paixões. A metafísica estoica pode ser

compreendida pelo princípio ativo denominado *logos*, que segundo os estoicos atende às funções divinas, possuindo uma relação orgânica com os seres e dele depende o curso do universo.

A tradição e filosofia helênicas alcançaram também o império romano e posteriormente a era cristã, principalmente os apologistas ao tentarem formular sistematicamente as doutrinas cristãs fazendo uso de tais pensamentos. O platonismo foi a principal filosofia a influenciar o pensamento cristão nos primeiros séculos, porém elementos estoicos foram abarcados pelo platonismo no período conhecido com médio-platonismo. Essa convergência ontológica se culminou no neoplatonismo desenvolvido por Plotino na doutrina do *uno*, que abrange conceitos do *logos* estoico.

Orígenes possui elementos neoplatônicos em sua sistematização teológica. A visão de Deus apresentada nos escritos de Orígenes reflete principalmente o relacionamento entre as pessoas divinas (Pai, Filho e Espírito Santo), sendo assim apenas o Pai é a causa de tudo, o Filho é gerado eternamente pelo Pai e o Espírito Santo possui natureza ontológica inferior ao Pai e ao Filho. A doutrina do *logos* cristão apresentada por Orígenes possui derivação helenística estoica por meio de sua assimilação direta do neoplatonismo.

O presente trabalho buscou abordar as influências das duas principais escolas filosóficas do período helênico na patrística, especificamente na visão de Deus de Orígenes de Alexandria e a ascendência na teologia moderna. A elaboração cristã teológica, tais como de Agostinho, que, mesmo indiretamente influenciada por Orígenes por meio do conceito da eterna geração do Filho, constitui um pano de fundo muito presente na teologia católica e protestante atual. Para estudos posteriores, propõe-se levantar, comparar e analisar a visão de Deus de Orígenes de Alexandria e de Dionísio o areopagita, e, numa pesquisa posterior, analisar a visão de Deus de ambos os autores em análise com a autora Ellen G. White.

Referências

- AUBENQUE, P.; BERNHARDT, J.; CHÂTELET, F. **A filosofia pagã**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.
- CAIRNS, E. **O Cristianismo através dos séculos**. P. 107-145: 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- CANALE, F. Doutrina de Deus. In: DEREDEN, R. (Ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- CASTAGNOLA, L.; PANDOVANI, H. **História da filosofia**. 2 ed. São Paulo: Edições melhoramentos, 1956.
- EUSÉBIO DE CESARÉIA. **História eclesiástica**. São Paulo: Novo século, 2002.
- GEISLER, N.; FEINBERG, P. D. **Introdução à filosofia: uma perspectiva cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1996.
- GONZÁLEZ, J. L. **História ilustrada do cristianismo**. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- GONZÁLEZ, J. L. **Uma história do pensamento cristão**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004;
- O'KEEFE, T. **Epicureanism**. London; New York: Routledge, 2010.



KELLY, J. N. D. **Patrística**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia**. 13 ed. Rio de Janeiro: Joege Zahar Ed.,2010.

MATOS, A. S. de M. C. A Phýsis como fundamento do sistema filosófico estóico. **Kriterion**, Belo Horizonte , v. 51, n. 121, p. 173-193, Jun. 2010.

MONDOLFO, R. **O pensamento antigo**. 2 ed. São Paulo: Editora Mestre Jou S.A, 1966.

ORÍGENES. **Tratado sobre os princípios**. São Paulo: Paulus, 2012.

REALE, G. **História da filosofia**. vol.1. São Paulo: Paulus, 2003.

RUSSEL, B. **História da Filosofia Ocidental: Livro 1 A Filosofia Antiga**. Rio de Janeiro: Editora Nova fronteira participações S.A, 2015

SELLARS, J. **Stoicism**. London; New York: Routledge, 2006.

SPINELLI, M. **Helenização e Recriação de sentidos: A filosofia na Época da Expansão do Cristianismo- Séculos II, III e IV**. Porto Alegre, Edipucrs, 2002.

TEIXEIRA, C. F. **Teologia e filosofia**. Engenheiro Coelho: Academia Teológica, 2015.

TRIGG, J. **Origen**. London and New York: Routledge, 2012.

WALKER, W. **História da igreja cristã**. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2015.

ZUKOWSKI, J. O Espírito Santo na Patrística e no período medieval. In: TIMM, A. R.; SIQUEIRA, R. W. **Pneumatologia: Pessoa e Obra do Espírito Santo**. Engenheiro Coelho: Unasp, 2017.